

Religião automática



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI

MARCO AURÉLIO CREMASCO – MARIA TERESA DUARTE PAES

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Paul Christopher Johnson

Religião automática

*Agentes quase humanos
no Brasil e na França*

Tradução
Bhuvi Libanio

EDITORA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

J636r Johnson, Paul Christopher
Religião automática : agentes quase humanos no Brasil e
na França / Paul Christopher Johnson ; tradutora Bhuvi Libanio.
Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2023.

Título original: *Automatic Religion*

1. Cultos afro-brasileiros. 2. Psiquiatria. 3. Animais.
Tecnologia – Aspectos religiosos. I. Libanio, Bhuvi. II. Título.

CDD - 299.6
- 616.89
- 591
- 261.56

ISBN 978-85-268-1600-8

Copyright © by Paul Christopher Johnson
Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para Soren Wysockey-Johnson (2004-2020),
que tanto brilhou. Permanecemos atentos.

Agradecimentos

De onde vêm as ideias? Como nos inspiramos? Este livro, assim como todos os livros, é uma encruzilhada e uma confluência e até mesmo, às vezes, um coro. Mencionarei agora algumas de suas vozes.

Célia Anselme, do Núcleo de Memória do Instituto de Psiquiatria, ajudou-me de forma extraordinária ao ler registros de pacientes do século XIX escritos em caligrafia praticamente ilegível. Agradeço também ao Daniel Ribeiro, do Centro de Documentação e Memória, Instituto Municipal Nise da Silveira, por suas orientações e dicas bibliográficas. Ricardo Passos, diretor do Museu do Negro e membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, constantemente ajudou como facilitador. O pessoal do Museu Bispo do Rosário dedicou-se a me mostrar trabalhos não expostos e permitiram que eu me sentasse em sua cela, agora ainda maior. Agradeço a Brigitte Laude pela ajuda com a Coleção Charcot, em Paris. Jean Hébrard indicou-me os arquivos psiquiátricos no Fonds Lacassagne, em Lyon. Uma versão anterior do capítulo 2 jamais teria sido escrita sem Sally Promey, que orientou os grupos de trabalho em que partes deste livro adquiriram um formato. Stefania Capone também deu conselhos importantes para o capítulo 2 e tem sido amiga e colega, tanto em Paris quanto no Rio de Janeiro. Sou grato a Winnifred Fallers Sullivan, por sua crítica aos primeiros rascunhos do capítulo 5, e a Courtney Bender, Kathryn Lofton e Sarah Townsend, cada qual, em diferentes locais e diferentes conjunturas, ofereceu ideias valiosas para o capítulo 4. Katerina Kerestetzi foi generosa e sábia ao me ajudar a reescrever uma versão mais antiga do capítulo 3. Meus estudantes Roxana Maria-Aras e Richard Reinhardt também fizeram, cada um, críticas cuidadosas ao capítulo 3. Daniel Barbu traduziu para o francês de forma linda um fragmento bastante antigo da Introdução. Emily Floyd contribuiu com uma fotografia maravilhosa que aparece na Conclusão. Conversas com Webb Keane sobre mexilhões e martínis sustentaram-me ao longo dos anos e fizeram surgir algumas das

ideias apresentadas aqui. Joseph Brown foi metuculoso e preciso em seu copidesque. A muito competente Isabella Buzynski ajudou a editar as notas e a dar forma à Bibliografia. Dois revisores anônimos ofereceram tanto incentivo quanto não poucos desafios, o que fez a obra ficar melhor. Minha editora, Priya Nelson, guiou este projeto com destreza e ofereceu sugestões importantes para o original como um todo.

Os mais importantes foram três pessoas que fizeram acurada leitura do original, cada qual contribuindo de formas significativas para o formato definitivo e o argumento do livro. John F. Collins forçou-me a elucidar o que estava em jogo. Matthew Hull e Henry Cowles fizeram críticas em diferentes rascunhos de todos os capítulos. Para citar a sagacidade do meu falecido professor e amigo Martin Riesebrodt: “Eles são responsáveis por todos os erros e todas as fraquezas desta obra; as ideias boas foram minhas”. Vocês são heróis e tiraram-me dos escombros incontáveis vezes.

Livros dependem também de material de apoio. Sou grato pela ajuda do John Simon Guggenheim Fellowship, do Institute for the Humanities, na Universidade do Michigan, e do Eisenberg Institute for Historical Studies, na Universidade do Michigan.

Todos os capítulos deste livro foram apresentados em vários locais, inclusive no Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais, em Genebra; na École des Hautes Études, em Paris; na Society of Fellows, na Universidade Colúmbia; no Eisenberg Historical Institute, na Universidade do Michigan; no Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia; no Centro de Estudos de Cultura Material e Visual das Religiões, na Universidade Yale; na Divinity School, na Universidade de Chicago; no Centro de las Américas/Americas Center, na Universidade de Virgínia; no Center for Engaged Research and Collaborative Learning, na Universidade Rice; e no Programa de Doutorado em Antropologia e História, na Universidade do Michigan. Esses eventos também fizeram parte do coro que construiu este texto. As perguntas difíceis foram importantes.

Uma versão antiga e diferente do capítulo 2 saiu em *Sensational Religion: Sensory Cultures in Material Practice*, organizado por Sally M. Promey (New Haven – CT, Yale University Press, 2014). Uma versão antiga e diferente do capítulo 3 saiu no periódico *Journal de la Société des Américanistes*, vol. 104, n. 1, 2018, pp. 27-73. Saudações a esses espaços que me permitiram reutilizar partes desses trabalhos antigos.

Amor a Anaïs Zubrzycki-Johnson por aguentar minhas palestras enigmáticas, minhas digressões, minhas curiosidades inúteis e minhas piadas só um pouco engraçadas. E também porque, sim, você sempre me ensina coisas novas e me faz querer reaprender o que eu pensava saber. Finalmente, agradeço a Geneviève Zubrzycki por seu julgamento muito são e por sua companhia, ainda melhor, e por puxar as rédeas e controlar-me sempre que meus argumentos ficam muito pretensiosos. Você me mantém honesto.

Sumário

Introdução – Situações que se assemelham a religião.....	15
Agência ambígua.....	24
Automático.....	28
Autômato.....	29
Ao redor do mundo.....	37
Religião automática.....	41
Quase humano.....	43
O incômodo.....	44
Religião como o ser humano.....	47
Livre-arbítrio, o humano e o animal.....	49
Ciborgue.....	52
Guia de viagem.....	54
Capítulo 1 – Rosalie.....	56
Capítulo 2 – Juca Rosa.....	57
Capítulo 3 – Anastácia.....	58
Capítulo 4 – Ajeeb.....	58
Capítulo 5 – Chico X.....	59
Conclusão – Agência e liberdade automática.....	60
1 – Rosalie – Uma quase humana psiquiátrica.....	75
Sumo sacerdote Charcot.....	76
A paixão de Rosalie.....	82
O imperador e o doutor.....	88

Macaca Rosalie	92
O Salpêtrière brasileiro	97
Zoopsia brasileira.....	104
Automatismo	105
Gênero quase humano, raça quase humana	107
Ponte.....	111
2 – Juca Rosa – Um quase humano fotográfico.....	127
Fotômato	130
Artes da aparência.....	137
Pai Quibombo	142
Os dois corpos do pai de santo.....	152
3 – Anastácia – Uma quase humana santa.....	165
Animar	167
Encarnação na tinta e “santicida”	172
Técnicas de presença.....	185
Anastácia e o temperamento de trauma	186
Anastácia e o temperamento de serenidade resignada.....	191
Anastácia e o temperamento (e o mercado) erótico.....	194
Material temperamental	197
4 – Ajeeb – Um quase humano autômato	205
“A alma do autômato”	206
De <i>Frankenstein</i> a <i>R. U. R.</i>	206
Turcos maravilhosos	210
Ajeeb de Londres para o Rio de Janeiro	213
Ajeeb no Brasil.....	216
Corpos duplicados.....	222
Corpo espírito e corpo nacional	225
Aparelho	231

5 – Chico X – Um quase humano jurídico	239
O papagaio brasileiro de Locke.....	246
Espíritos, estática, documentos	251
O caso José Divino Nunes.....	253
O caso Ercy da Silva Cardoso	255
Reconhecimento da intenção.....	259
 Conclusão – Agência e liberdade automática	 271
 Bibliografia.....	 291
Arquivos consultados.....	291
Fontes de arquivos	292
Obras publicadas.....	293
 Índice remissivo.....	 319

INTRODUÇÃO

Situações que se assemelham a religião

O melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada.

Machado de Assis, “Primas de Sapucaia”, 1883

O artista incomum mais famoso do Brasil, Arthur Bispo do Rosário, passou 50 anos em um hospital psiquiátrico da periferia do Rio de Janeiro, diagnosticado com esquizofrenia. Nas paredes de sua cela-estúdio e nos objetos lá dentro, ele criou obras, muitas hoje expostas em museus. Quando, no fim da vida, ganhou reconhecimento público, mostrou-se contrariado: “não sou artista; sou orientado pelas vozes para fazer desta maneira”. Ele explicou, “escuto as vozes [...]. Se pudesse eu não faria nada disso”. Mais ainda: “Estão dizendo que faço arte. Quem fala não sabe de nada. Isto é minha salvação na Terra”.¹ O que estava fazendo, ele sentia, era menos criação e mais trabalho automático, registrando tudo o que via, em um catálogo apresentável, para Deus.

Semelhante a Bispo do Rosário, a artista sueca Hilma af Klint fazia pintura automática seguindo seus guias espirituais, uma espécie de ditado visual. Sobre suas pinturas, ela disse: “Não fazia ideia do que deveriam representar. Trabalhava com rapidez e segurança, sem alterar uma pincelada sequer”.² Quando Rudolf Steiner, em 1908, disse a ela para se esquecer de seus mestres sobrenaturais e seguir a própria intuição, confiar apenas em seu *eu individual*, ela ficou sem habilidade de pintar durante os quatro anos seguintes. O eu ao qual ele se referiu era esquivo, vasto e intenso. Aquilo a paralisou, limitando a liberdade que a automaticidade proporcionara. Apenas uma agência ambígua, construída em interface automática, poderia impulsionar sua obra.³

Ambas as histórias, a de Bispo do Rosário e a de af Klint, sugerem que a capacidade de produzir e de usar a ambiguidade do agente faz parte do nosso equipamento humano disponível. Ser humano é ser capaz de imaginar e de esboçar o não e o quase humano, e de brincar de se tornar ou de confiar no outro invisível. Ao mesmo tempo, é aceitar o projeto de uma identidade duradoura – reconhecer e narrar um “eu” de ontem e representar e projetar esse mesmo ser no amanhã. As duas habilidades – tanto a produção da encenação da ambiguidade do agente quanto a habilidade de representar um eu duradouro com uma identidade individual também duradoura – são conflituosas, mas ao mesmo tempo estão, de uma forma, relacionadas. Cenas e situações de movimento *entre* esses modos são até mesmo constituintes dos eventos com frequência agrupados no conceito de “religião”. A religião está para lá e para cá no cabo de guerra entre “automatismo” e “agência”. Por esse motivo, esses são os dois termos que delimitam este estudo. A Introdução discorre sobre o que é automático; e a Conclusão, sobre o que é agência. Os capítulos interpostos estão, com seus protagonistas quase humanos, suspensos em um entremeio.

Artistas automáticos, como Bispo do Rosário e af Klint, são fascinantes. Eles nos atraem. Ainda assim, o fato de terem resistido à agência individual ou de terem descoberto a própria potência criativa somente na condição de mediação espiritual é também o motivo do sofrimento dele e dela. Bispo do Rosário era negro, afro-brasileiro, e foi encarcerado em um hospital psiquiátrico. Hilma af Klint era uma mulher solteira excêntrica que seguia as orientações de seus espíritos. O fato de terem encontrado liberdade criativa somente enquadrados no automático é uma questão sobre a qual vale a pena refletir. Entre outras coisas, isso nos aponta para o fato de que, ao contrário da ação agentiva, o que é automático foi e é conceitualizado de maneira genderizada e racializada. De fato, pessoas consideradas inaptas para a agência racional – consideradas corpo autômato possuído de movimento, mas sem vontade genuína – eram na maioria mulheres e pessoas negras. Apesar de serem vistas como deficientes, uma minoria excepcional, como Bispo do Rosário e af Klint, encontrou formas de criar exatamente nos termos do automático. Tornaram-se heróis e heroínas, até mesmo santos e santas. Este livro reflete sobre uma série de pessoas e coisas quase humanas assinaladas como autômatos desprovidos de vontade que, ainda assim, tornaram-se agentes. Por meio do próprio automatismo, essas pessoas reformularam os termos da vida social na qual estavam inseridas.

Pense nisto: duas das capacidades mais comumente levadas em consideração para distinguir a vida humana da vida animal ou da máquina – religião e livre-arbítrio – são de forma significativa opostas. O livre-arbítrio há muito tem sido relacionado a qualidades como espontaneidade, autoria e escolha consciente entre alternativas.⁴ Atos religiosos, em sua maioria, parecem contrariar essas formulações clássicas. No lugar de indivíduos autônomos, os religiosos são agentes híbridos compostos por um eu e por outros meta-humanos.⁵ Atribui-se ao apóstolo Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gálatas, 2:20). A palavra “islamismo” é comumente traduzida como “submissão à vontade de Alá”. Uma pessoa iniciada no candomblé junta o destino humano ao do orixá assentado, coautor de todas as ações futuras. Esses híbridos de humanos com agência divina transmitem ao mesmo tempo uma vontade individual limitada e mediada e um possível eu proteticamente estendido, com capacidade de alcance meta-humano. Se a agência fica restrita em termos de volição individual, ela, no entanto, pode também receber uma hipercarga em termos de alcance e intensidade: “dizeis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível” (Mateus, 17:20). Em todo o caso, a religião é reguladora da agência e da automaticidade e trabalha de variadas formas como freio, garrote, refinaria e rede de malha.

Este livro relaxa as fitas de tensão que conectam as ações agentivas e as automáticas em situações quase religiosas. Ele constrói uma perspectiva acerca de cenas quase religiosas como *performance* da agência suspensa, subjugada ou não autônoma e como ofício de recodificar as ações humanas como automáticas. Cenas e situações quase religiosas tramam ações no espaço entre as estruturas de agência e de automatismo, ainda que o discurso religioso com frequência decodifique e declare quem ou o que age em um dado evento com ambiguidade de agente. Aqui, reanimo o tropo do autômato para explorar a incerteza de figuras humanas encenadas e a atração por essas figuras. A ideia não é apenas ver como autômatos conseguem inesperadamente assumir vidas humanas quando são animados. É também – e eis aqui o ponto principal – mostrar como determinados grupos passam a ser considerados menos humanos, vistos como capazes apenas de agir automaticamente, mas agir, ainda assim, dentro dos termos do automatismo. O diagnóstico de atores livres e automáticos ajudou a construir uma excelente divisória antropológica. O livro conta uma história sobre máquinas humanóides, mas também – e principalmente – sobre seres humanos condenados à condição de animais ou máquinas – quase

humanos – em sua constituição e em seu apelo. Digo “quase humanos” porque as características que descrevo não têm em comum apenas o automatismo, mas também a qualidade de ser quase, mas não exatamente, humanas. Ser simultaneamente próximos e diferentes do que é um ser humano real tornou-os objetos de atração ritualística, revelações e mediadores de poderes extraordinários.

A ação automática é parte constitutiva das práticas humanas agrupadas como religião, devido à agência oculta que sugere. Pode-se dizer que a perspectiva da automaticidade humana é a do campo discursivo e fenomenológico em que a religião é encenada. Qual tipo de agência ou de fazer está acontecendo, atuando nas pessoas, em dada situação? Eventos religiosos são explorações da questão acerca de como vontades individuais são calibradas como poderes sobre-humanos. Rituais servem como laboratórios de agência e automatismo. Proporcionam um espaço e uma linguagem para ver a ambiguidade de agência e para falar sobre ela. Constituem a experiência de haver algo em atuação no corpo humano ou através dele por meio de uma ordem transformadora. O ofício de construir situações e cenários de ambiguidade de agente, de algo que atua no corpo humano ou através dele requer aprendizado e habilidade. Quando executados com mestria, eventos com ambiguidade de agente fazem algo novo aparecer.⁶ Produzem um modo de enxergar no qual a ação humana nada mais é que participante entre outras forças em atividade ou espectadora delas. Desse ponto de vista, religião é menos uma busca por agência, como em geral é compreendida, do que uma série de contextos e situações projetados para serem, ao menos temporariamente, aliviadas de seu peso. Paradoxalmente, isso talvez faça dela o mais radical de todos os tipos de agência.⁷ Radical, porque semelhante à ciência, elimina os traços da agência humana para criar características transcendentais da natureza que se estendem em domínios além do ato inicial.⁸ Um encontro com um deus em um corpo humano altera a interpretação do ser humano em outros espaços, expandindo, a fim de influenciar arenas, tais como morte, cura, gênero, dieta, lei, justiça e igualdade.

Não são as religiões, propriamente, que atraem ambiguidade de agente. Na maioria das vezes, essas situações ocorrem em algum lugar entre religião e outras partes da vida, algum lugar ao longo de um *continuum*. Por esse motivo, em vez de “religião” ou “sagrado”, com frequência uso a expressão “situação que se assemelha a religião”, uma adaptação da expressão “situação que se assemelha a arte”, de Alfred Gell. Na descrição de Gell, situações que

se assemelham a arte envolvem um índice material que permite a abdução de agência.⁹ Situações que se assemelham a arte levam-nos a inferir coisas sobre a pessoa, o animal, ou a coisa retratada, bem como a inferir um criador humanoide. Podemos pensar em situações que se assemelham a religião como também motivadoras de abdução – a inferência –, mas também como agência e agentes “quase” humanos e “meta”-humanos. Elas motivam inferências acerca de agência porque o agente que se pensa estar em atividade é incerto. A obtusidade ou ambiguidade em relação a quem ou o que está em ação até mesmo constitui o domínio do que é “religião”.

Situações que se assemelham a religião, ou situações quase religiosas, apresentam um formato recorrente. Assumem uma forma familiar e constroem, destacando divisões entre interior e exterior: alma e corpo; santuário interior e arena pública; compartimento fechado e mecanismos desconhecidos; corpo possuído e deus interior. Objetos utilizados em rituais de diversas tradições têm em comum compartimentos interiores escondidos como característica recorrente: santos católicos com portas, deuses indianos com uma abertura para o coração, a Arca da Aliança cercada por cortinas dos judeus, o Buda cingalês cuja vida interior é ativada pelo artista sacerdote, o terceiro olho pintado na testa que indica a presença divina no corpo, até mesmo a arquitetura de uma igreja da Idade Média que, a fim de ser consagrada, precisava conter relíquias para ativar o espaço. As formas são animadas e ganham força espiritual por meio do que Gell denominou, seguindo Lucrécio, a “reduplicação das peles”.¹⁰ Podemos acrescentar mais exemplos do mundo atlântico. Uma escultura *Nkisi Nkondi* do candomblé angolano no Brasil é animada pelas substâncias invisíveis que residem dentro dela. A garrafa haitiana *wanga*, muito bem fechada, contém o espírito de uma pessoa morta. A iniciada no candomblé brasileiro, cujas escarificações na cabeça coberta escondem, mas também expõem, sua agência híbrida recém-nascida composta por seu orixá e “ela mesma”.

Os capítulos deste livro exploram objetos que atraem seus observadores, em parte devido a um interior secreto, desconhecido. Estão incluídos as visões de um paciente psiquiátrico, uma fotografia que parece ter poderes próprios, um desenho que se torna santo, um autômato empoleirado em cima de um armário fechado com uma porta aparente, um espírito escritor que descreve seu corpo como mero invólucro, um mecanismo e um veículo de transmissão para os mortos, e um desenho que, de alguma maneira, surge e então toma os traços do defunto colocado próximo a ele. No entanto, mais do que simplesmente ter um interior secreto, as formas e estru-

turas apresentadas em situações quase religiosas anunciam e tornam público o lugar secreto interior. Exibem ou tornam proeminentes a porta externa, a tampa, a entrada ou a passagem que pode ou não dar acesso a uma maravilha ou a um terror ocultos. Nossa percepção dessas pessoas ou coisas e da entrada e saída delas leva-nos a imaginar um agente que ocupa o lugar visualmente sugerido, mas escondido. Isso está mais relacionado a como nossa mente funciona do que a uma escolha. Sem a evidência de outra agência, inventamos uma figura humanoide no espaço vazio.

E não se trata apenas de ícones, altares ou prédios quase religiosos assumirem essa forma, mas o fato é que assumir essa forma faz com que qualquer coisa e qualquer lugar sejam potencialmente religiosos. Um corpo humano torna-se sagrado quando se entende que está possuído por um agente especial. Objetos, inclusive os conscientes de si, como nosso corpo, metamorfoseiam em situações quase religiosas quando o anúncio visível de espaços ocultos trazem à mente do observador agentes internos e a disjunção entre um corpo externo e um agente interno.¹¹

Em todos esses casos, o que toma forma é um corpo dentro do corpo, um exterior que pode ou não corresponder a um caráter interior. Essa forma dupla traz à mente a questão acerca da agência e do automático; a atração e o risco da explicação. Isso é, proponho, um tropo quase religioso crucial: a figuração de uma agência oculta em atuação dentro de um corpo externo. Então como são as coisas quase religiosas? Ou, se preferir, quais são os tipos de coisas adequadas para situações e cenas quase religiosas? Objetos que anunciam a duplicidade e até mesmo chamam a atenção para ela por meio de camadas visíveis, esconderijos aparentes, compartimentos evidentes e passagens para um lugar outro e melhor. Pessoas religiosas são usuárias adeptas dessas coisas duplas, pessoas que se esforçam para estar em conformidade e para estabelecer uma aliança com essas coisas ou que até mesmo se reformulam dentro dos moldes de coisas duplas.

Estabeleci essa jornada dentro das últimas décadas do século XIX, quando ideias e figuras relacionadas ao automatismo (automático, autômato, automatismo) entraram em movimento em caminhos variados e, não por coincidência, surgiu a religião como tema de estudo. Essa aglomeração reuniu domínios anteriormente separados – de questões acerca de identidade pessoal a maquinaria, e de psiquiatria a comportamento animal. A descrição de pessoas escravizadas, pacientes psiquiátricos, animais, líderes de avivamento, autômatos e operários da indústria formou um agrupamento que produziu divisões sociais duradouras entre os